

A Realização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira – Amazonas

The Realization of /S/ in syllable coda in the Madeira microregion – Amazonas

Edson Galvão Maia 

Instituto Federal do Amazonas: Manaus, Amazonas, Brasil
Email: galvaoedson@hotmail.com

Resumo

O /S/ em coda silábica tem se mostrado produtivo para a delimitação das áreas dialetais brasileiras, principalmente no Amazonas, onde Cruz (2004), a partir da publicação do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, propôs uma hipótese de isófono que dividia o estado em dois falares distintos: Rio Negro/Amazonas e Solimões e afluentes. Este caracterizado pela pronúncia alveolar, aquele pela pronúncia alveopalatal. O presente artigo, inscrito sob a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, objetiva identificar e analisar a variação fonética do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, a partir dos dados do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM* (Maia, 2018a). Especificamente, intentamos contribuir para ampliação da discussão sobre a possível isófono proposta no ALAM, além de fazer uma análise estatística, considerando variáveis linguísticas e extralinguísticas, a fim de identificar os fatores condicionadores da palatalização na microrregião. Os dados considerados foram coletados por meio de questionário fonético-fonológico, aplicado a 24 informantes, estratificados em localidade, sexo, faixa etária e faixa de escolaridade. Os resultados demonstraram que a variante que predomina no Madeira é a alveopalatal, sendo a variante alveolar mais frequente apenas em Humaitá, localidade representativa da microrregião na pesquisa de Cruz (2004). Além disso, observamos que a variável linguística *contexto subsequente* mostrou-se fundamental para a caracterização do

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Manuella Carnaval e
Carolina Gomes da Silva

Recebido: 10/06/2025

Aceito: 05/11/2025

Como citar:

MAIA, Edson Galvão. A realização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira-Amazonas. *Revista Diadorim*, v.27, n.3, e68727, 2025. DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n3a68727

fonema, uma vez que a consoante oclusiva alveolar surda /t/ mostrou-se favorecedora da palatalização quando o sucede. Em relação às variáveis extralinguísticas, além de *localidade*, na qual Manicoré e Borba favorecem a palatalização do fonema, os resultados referentes às variáveis *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* revelaram que a variante alveopalatal pode ter certo prestígio entre os informantes, uma vez que foi favorecida pelas mulheres, pelos mais jovens e pelos mais escolarizados.

Palavras-chave:

Dialetologia Pluridimensional; Variação fonética; /S/ em coda silábica; Atlas Linguístico do Sul Amazonense; Microrregião do Madeira.

Abstract

The /S/ in syllable coda position has proven to be a productive feature for delimiting Brazilian dialect areas, especially in the state of Amazonas. Based on the *Linguistic Atlas of Amazonas* (ALAM), Cruz (2004) proposed an isophone hypothesis that divides the state into two distinct speech regions: Rio Negro/Amazonas and Solimões and its tributaries—characterized, respectively, by alveopalatal and alveolar realizations. Anchored in the framework of Pluridimensional Dialectology, this article aims to identify and analyze the phonetic variation of /S/ in coda position in the Madeira microregion, based on data from the *Linguistic Atlas of Southern Amazonas* (ALSAM) (Maia, 2018). More specifically, it seeks to contribute to the ongoing discussion regarding the potential isophone proposed in ALAM, while also conducting a statistical analysis that considers both linguistic and extralinguistic variables to identify conditioning factors of palatalization in the microregion. The data were collected through a phonetic-phonological questionnaire applied to 24 informants, stratified by locality, gender, age group, and level of education. The results show that the alveopalatal variant is predominant in the Madeira region, with the alveolar variant being more frequent only in Humaitá — a locality previously examined by Cruz (2004). Additionally, the linguistic variable of following phonetic context proved to be crucial for characterizing the phoneme, as the voiceless alveolar stop /t/ favored palatalization when following the /S/. Among the extralinguistic variables, locality (specifically Manicoré and Borba) favored palatalization, while gender, age, and education level suggested that the alveopalatal variant may carry a degree of prestige among speakers, as it was favored by women, younger informants, and those with higher levels of education.

Keywords:

Pluridimensional Dialectology; Phonetic variation; /S/ in syllable coda; *Linguistic Atlas of Southern Amazonas*; Madeira microregion.

Introdução

Desde inícios do século XX, a Dialetoologia vem se ocupando na descrição e representação geográfica das línguas com toda sua diversidade. Os atlas linguísticos apresentam um panorama da fala de uma comunidade nos mais diversos níveis linguísticos, apontando também, *a posteriori*, para possíveis temas a serem investigados em abordagens mais aprofundadas.

Esse tem sido o papel do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004), pesquisa pioneira desta área no estado, a partir da qual muitas outras têm surgido, sejam atlas linguísticos de pequenos domínios, sejam pesquisas de cunho monográfico, ampliando seus pontos de inquérito, confirmando ou refutando seus resultados sobre as variáveis investigadas. Uma dessas variáveis é o /S/ em coda silábica que tem se mostrado um campo profícuo para os estudos dialetais sobre o Português Brasileiro (PB).

Pesquisas variacionistas, nas diversas regiões do país, têm identificado pelo menos quatro realizações fonéticas desse fonema, a saber: a variante alveolar, a alveopalatal, a glotal (aspirada) e o apagamento do fonema ou zero fonético (cf. Scherre e Macedo, 1991; Canovas, 1991; Callou e Moraes, 1996; Martins, 2001; Brescancini, 2002; Hora, 2003; Jesus e Mota, 2006 e 2007; Cruz, 2004; Pedrosa, 2009; Maia, 2012; Martins e Margotti, 2012; entre outros).

Considerando as duas primeiras pronúncias, Cruz (2004) levanta uma hipótese de divisão dialetal na qual a pronúncia alveopalatal caracterizaria as microrregiões do Alto Rio Negro, Médio e Baixo Amazonas, enquanto a pronúncia alveolar caracterizaria as demais microrregiões representadas no atlas: Jutáí-Solimões-Juruá, Alto Solimões, Juruá, Purus, Madeira e Rio Negro-Solimões (em outras palavras, as localidades do Solimões e seus afluentes).

Nosso objetivo é identificar as variantes do /S/ em coda silábica em três localidades da microrregião do Madeira, observando os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando essa variação. Além disso, pretendemos contribuir com a discussão acerca da hipótese apresentada por Cruz (2004).

Nossa pesquisa busca responder às seguintes questões:

- (i) Quais são as variantes do /S/ em coda silábica nas localidades da microrregião do Madeira?
- (ii) É possível confirmar a hipótese de Cruz (2004) a respeito da variante predominante nessa microrregião?
- (iii) Quais grupos de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos mostram-se relevantes na caracterização do /S/ em coda silábica?
- (iv) Em cada grupo investigado, quais fatores favorecem a palatalização do /S/ em coda silábica?

A respeito da primeira pergunta, acreditamos ser possível registrar na microrregião as quatro variantes, conforme a maioria das pesquisas sobre o PB tem destacado; em relação à segunda, esperamos confirmar a hipótese de isófona apresentada por Cruz (2004), a partir do predomínio da variante alveolar na microrregião; no que se refere à terceira questão, por sua vez, nossa hipótese é de que o *contexto subsequente* tenha um papel fundamental na definição das variantes registradas na microrregião, conforme observou a pesquisa de Maia (2012) entre outras, além, é claro de que as variáveis extralinguísticas *sexo, faixa etária e escolaridade* podem mostrar-se relevantes, se uma ou mais variantes detiverem um *status* de prestígio nas localidades, de acordo com o que preceituam as pesquisas sociolinguísticas (Labov, 2008 [1972]); por fim, em relação à quarta questão, esperamos que a oclusiva alveolar [t] sucedendo o fonema /S/ em coda apresente-se como um contexto favorecedor da palatalização, a exemplo do que observou Maia (2012) na microrregião do Purus.

Para responder a essas questões e atestar nossas hipóteses, analisamos os dados coletados por Maia (2018a) para a elaboração do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*. Essa pesquisa investiga a mesorregião Sul Amazonense, que abrange as microrregiões do Purus e do Madeira. Realizamos uma análise estatística dos dados sobre o Madeira, representado pelas localidades de Humaitá, Manicoré e Borba. Em cada localidade, foi aplicado um questionário fonético a oito informantes naturais e com pais também naturais da comunidade, distribuídos conforme o sexo, a faixa etária (20-35 e 50-65 anos) e a escolaridade (4-7 e 10-13 anos de escolarização), o que totaliza 24 informantes.

O corpo deste artigo está dividido em cinco seções. Na seção “/S/ em coda silábica no Brasil”, nosso foco é apresentar a distribuição diatópica das variantes do fonema no território brasileiro a partir das inúmeras pesquisas realizadas, principalmente do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (Comitê Nacional do ALiB, 2014). Na seção “/S/ em coda silábica no Amazonas”, apresentamos as pesquisas sobre o fonema realizadas no estado, destacando o ALAM (Cruz, 2004) e os demais atlas fonéticos publicados. A seção “Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM e a microrregião do Madeira” apresenta nosso objeto de análise. Na seção “Metodologia” destacamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas em nossa análise estatística, bem como as decisões que precisamos tomar para rodar os dados no pacote estatístico *Goldvarb X*. A seção “/S/ em coda silábica na microrregião do Madeira” apresenta os resultados observados a partir de nossa análise. Ao final, tecemos as considerações finais a partir das nossas questões de pesquisa e hipóteses aqui destacadas.

/S/ em coda silábica no Brasil

A variação do fonema /S/ em posição de coda silábica no português brasileiro tem despertado o interesse de diversos pesquisadores. Fenômenos como a palatali-

zação, o enfraquecimento e até o apagamento desse fonema evidenciam a pluralidade de realizações que refletem, simultaneamente, heranças do português europeu e configurações fonológicas próprias do Brasil.

Do ponto de vista histórico, a discussão sobre a origem das variantes do /S/ remonta à constituição do sistema de sibilantes no galego-português. Teyssier (2007) aponta que, por volta do século XVI, o português dispunha de quatro sibilantes: duas pré-dorsodentais e duas ápico-alveolares, que eram fonologicamente distintas. Com o tempo, essas consoantes passaram por um processo de reconfiguração, especialmente em Portugal, onde prevaleceram as pré-dorsodentais no Centro-Sul e as ápico-alveolares em áreas mais ao Norte e interioranas. Silva Neto (1960) complementa essa perspectiva ao afirmar que o sistema que se disseminou no Brasil foi, majoritariamente, o das pré-dorsodentais, embora os colonizadores tenham vindo de regiões variadas, o que justificaria a coexistência de diferentes variantes.

A partir desse legado histórico, o português brasileiro desenvolveu suas próprias regularidades. Noll (2005), ao tratar do /S/ implosivo, afirma que essa é uma das principais marcas que distinguem o português europeu do brasileiro. No português europeu, a tendência é de realizar o /S/ como fricativa alveopalatal surda [ʃ] antes de consoantes surdas e como sonora [ʒ] antes de consoantes sonoras. Já no português brasileiro, a realização predominante é a alveolar: [s] em contextos de consoantes surdas e em final de palavra, e [z] diante de consoantes sonoras ou no encadeamento entre palavras.

Desde 1996, um grupo de pesquisadores, de várias universidades brasileiras, unem forças para construir um projeto de um atlas nacional, o *Atlas Linguístico do Brasil- ALiB*. Os dados do ALiB foram coletados em 2001 em 250 localidades distribuídas em todo território brasileiro e selecionadas com base em critérios típicos de um trabalho desta natureza (demográficos, históricos e culturais). Nas capitais dos estados (com exceção de Palmas e Brasília, por se tratar de cidades relativamente novas), foram inqueridos oito informantes, estratificados em sexo, faixa etária (18-30 e 50-65 anos) e escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). Nas localidades do interior, entrevistaram-se quatro informantes, com o ensino fundamental, com distribuição de acordo com o sexo e a faixa etária conforme nas capitais.

O ALiB teve seus primeiros dois volumes publicados em 2014, sendo um introdutório e um de cartas linguísticas sobre as capitais, envolvendo a cartografia de alguns fenômenos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos. Um terceiro volume com análises sobre as cartas linguísticas do segundo volume foi publicado em 2023. No volume 2, encontramos um conjunto de oito cartas sobre o /S/ que considerou na cartografia a coda interna e a externa, além das variáveis extralinguísticas contempladas no projeto e o contexto subsequente. Os resultados nos fornecem uma visão macro sobre a distribuição diatópica do fonema no território nacional.

Na carta F05 C 1, são apresentados os resultados gerais (coda interna e externa), destacando as realizações palatais do fonema (Figura 1). Mota e Jesus (2023),

do ponto de vista diatópico, distribuem as capitais contempladas no ALiB em três grupos com comportamentos distintos: áreas palatalizantes, áreas alveolarizantes e áreas com presença de ambas as variantes, nesse último caso, a palatalização ocorre em coda interna, em contextos mais favorecedores (diante de [t] e [t̪], por exemplo)¹. No primeiro grupo, destacam-se Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA) e Florianópolis (SC), respectivamente, como as três capitais com maior índice de palatalização, seguidas por Macapá (AP), Recife (PE), Manaus (AM), Cuiabá (MT) e Salvador (BA). No segundo, estão as capitais Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP), Vitória (ES), Goiânia (GO), Campo Grande (MS), Teresina (PI), Maceió (AL), Fortaleza (CE), João Pessoa (PB) e São Luís (MA), as quais não apresentam nenhuma ou poucas ocorrências da variante palatal, principalmente em coda externa. No terceiro grupo, destacam-se Boa Vista (RR), Rio Branco (AC), Porto Velho (RO), Aracaju (SE) e Natal (RN).

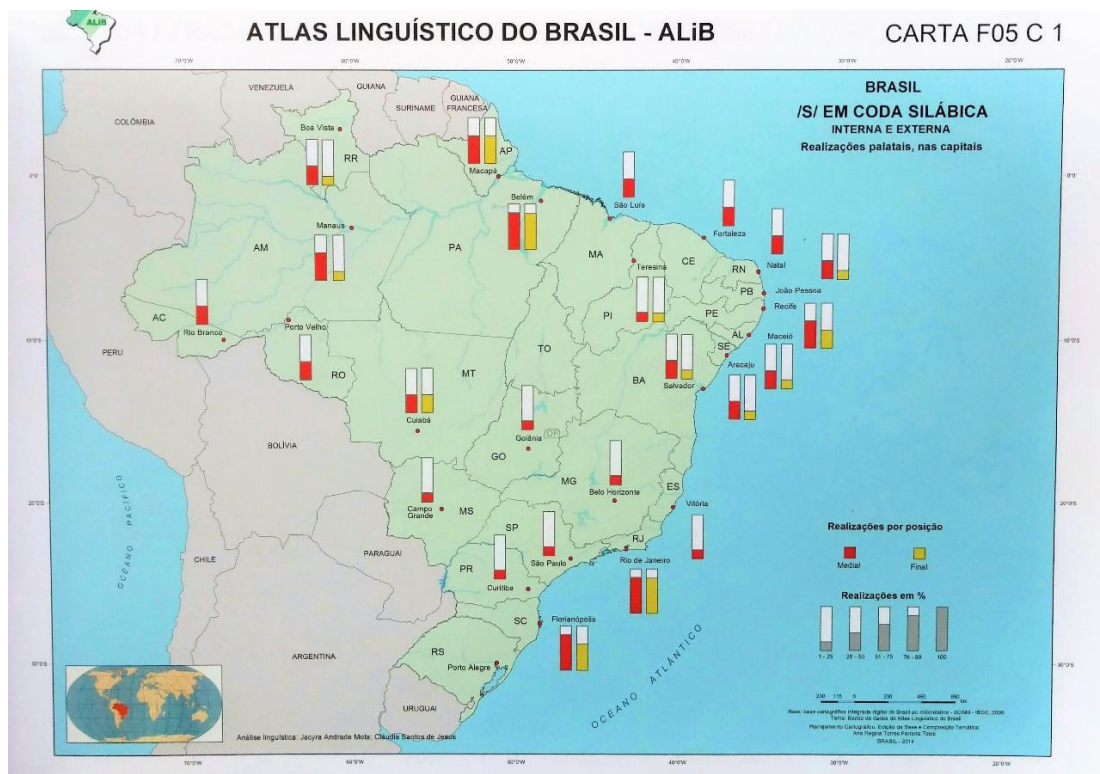


Figura 1. Distribuição do /S/ em coda silábica no Brasil a partir do ALiB

Fonte: ALiB, volume 2 (Cardoso *et. al.*, 2014).

Se visualizarmos a carta (Figura 1) com foco nas regiões do país, notamos que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, com exceção do Rio de Janeiro, Florianópolis e Cuiabá, a variante alveopalatal apresenta índices baixos de ocorrência, geralmente apenas em contexto medial (coda interna). Por sua vez, nas regiões

¹ É importante destacar que o ALiB considera apenas as realizações alveolares e palatais em sua cartografia.

Norte e Nordeste, a palatalização atinge índices maiores, ainda que se percebam comportamentos diversos entre as capitais.

A predominância palatal na cidade do Rio de Janeiro há muito já vinha sendo atestada por muitas pesquisas das quais podemos citar Nascentes (1953 [1922]), Silva Neto (1986 [1950]), Callou e Marques (1975), Scherre e Macedo (1991), Callou, Leite e Moraes (1996), dentre outros. Muitos desses pesquisadores atribuem à chegada da corte portuguesa à cidade, em 1808, esse modo de falar, embora alguns outros refutem essa hipótese, como Nascentes (1953 [1922]), destacando que esse fenômeno também ocorre em outras áreas românicas, e Noll (2008), que acredita que o fenômeno tenha ocorrido apenas na segunda metade do século XIX, a partir da alta sociedade. Segundo ele, o fato de não haver nenhuma outra característica fonética do português europeu que tenha influenciado paralelamente o falar carioca, bem como a ausência de testemunho, tornam essa hipótese improvável. Fora da capital fluminense, no entanto, a palatalização não se mantém homogênea. O *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (BRANDÃO *apud* Noll, 2005) revela que no norte do estado a variante alveolar é a mais frequente.

Da mesma forma, outras pesquisas já atestavam os resultados observados no ALiB em Belém (Carvalho, 2000; Razky, 2010) e em Florianópolis (Brescancini, 1996, 2002 e 2003; Haupt 2007; Bassi, 2010 e 2011). A palatalização, no que se refere à capital catarinense, está associada à influência açoriana (Furlan, 1995).

O mesmo ocorre nas demais cidades, nas quais, de modo geral, no que se refere à diatopia, os dados do ALiB corroboram resultados de *corpora* anteriores, atribuindo-se as poucas diferenças nos resultados às diferenças nos procedimentos metodológicos (Mota e Jesus, 2023).

Destacamos, ainda sobre os dados do ALiB, a importância do *contexto subsequente* para a caracterização do fenômeno de palatalização do /S/ em coda silábica no Brasil, a partir da carta F05 C 3, na qual observamos as consoantes [t] e [tʃ] como grandes favorecedoras do fenômeno em muitas capitais.

Conforme podemos observar até aqui, o foco da maioria das pesquisas geralmente recai sobre as variantes mais frequentes — as alveolares e alveopalatais, sendo a realização glotal ou aspirada, considerada forma enfraquecida, pouco analisada em profundidade. Apesar disso, diversos estudos de base sociolinguística e dialetológica têm documentado a ocorrência desse fenômeno em várias regiões do Brasil (Aguiar, 1937; Roncarati, 1999; Aragão e Soares, 1996; Carvalho, 2000; Monteiro, 2009; Aragão, 2009; Alencar, 2007; Rodrigues, Araújo e Aragão, 2013; Maia, 2018b, entre outros).

O primeiro registro desse fenômeno remonta a Aguiar (1937), que observou a produção velar de fricativas, incluindo o /s/, em contextos de coda na fala de crianças e de pessoas do interior do Ceará. De acordo com Maia (2018b), de modo geral, os estudos analisados apontam que o enfraquecimento do /S/ em coda silábica é um

fenômeno recorrente no português falado em diferentes regiões do Brasil, sendo particularmente frequente no estado do Ceará, de onde pode ter se espalhado para outras localidades. Um dos fatores que contribuiu para sua difusão parece ter sido a forma reduzida da palavra “mesmo”, amplamente aceita e usada. Muitos pesquisadores acreditam que essa forma específica tenha funcionado como porta de entrada para a propagação do fenômeno, especialmente em vocábulos com contextos fonéticos semelhantes, notadamente aqueles precedidos por consoantes sonoras como as nasais /m/ e /n/, a lateral /l/ e a oclusiva dental /d/.

No que diz respeito aos aspectos sociais, embora haja variações conforme a região, o fenômeno tende a ter origem entre falantes com menor escolarização e pertencentes a estratos sociais mais baixos, sendo mais comum entre homens. Contudo, sua presença já se estende a grupos mais escolarizados e a contextos formais, sobretudo em palavras como “mesmo”, “mais” e “desde”, que frequentemente aparecem em suas formas enfraquecidas até em discursos monitorados, como entrevistas na televisão. Apesar da aceitação crescente dessas formas, especialmente nos itens citados, o enfraquecimento do /S/ ainda carrega certo estigma social, evidenciado por estudos que utilizaram testes de atitude para avaliar a percepção dos falantes.

Portanto, o /S/ em coda silábica no português brasileiro é uma variável multifacetada, sensível a fatores históricos, diatópicos, linguísticos e extralinguísticos. Essa particularidade somada à extensão do nosso território, que inclui muitas regiões nunca investigadas, não permite ainda que sejam bem definidas as áreas dialetais brasileiras a respeito dessa variável, ainda que haja uma ampla documentação sobre o fonema, como pudemos notar nessa seção. Esperamos que estudos como os atlas regionais, as pesquisas monográficas e o ALiB, principalmente ao publicar resultados das localidades do interior dos estados, possam trazer mais clareza a essa questão.

/S/ em coda silábica no Amazonas

No caso específico do Amazonas, a realização do /S/ em coda silábica tem sido objeto de estudos a partir dos resultados do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (Cruz, 2004).

A metodologia do ALAM contempla uma rede de pontos em que cada microrregião seja representada por um município, selecionado por critérios históricos, geográficos e socioeconômicos. Assim, investigaram-se nove localidades, a saber: Barcelos (Alto Rio Negro), Tefé (Juruá-Solimões-Jutaí), Benjamin Constant (Alto Solimões), Eirunepé (Juruá), Lábrea (Purus), Humaitá (Madeira), Manacapuru (Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas). Em cada ponto de inquérito, foram entrevistados seis informantes, naturais da localidade, com pais também naturais e com baixa escolaridade (analfabetos ou

tendo cursado no máximo o ensino primário). Esses informantes foram distribuídos em sexo e faixa etária (18-35, 36-55 e 56 anos em diante) e as entrevistas foram realizadas por meio de dois questionários: um semântico-lexical e um fonético-fonológico, além de serem coletadas elocuições livres para compor um banco de dados para futuras pesquisas.

Conforme já mencionamos, quanto ao /S/ em coda silábica, a pesquisadora propôs a hipótese de uma isófona no estado, sugerindo uma divisão dialetal que separaria os falares das microrregiões do Alto Rio Negro e do Baixo/Médio Amazonas (com predominância da alveopalatal) daqueles do rio Solimões e seus afluentes (onde a variante alveolar é mais recorrente). A partir desses resultados, muitos estudos buscaram ampliar os pontos de inquérito do ALAM nas microrregiões, a fim de contribuir com essa discussão.

Em relação às variáveis extralinguísticas, a pesquisadora destaca os seguintes pontos: i) no que diz respeito à idade, os falantes mais jovens (faixa etária 1) demonstram tendência a empregar a palatalização com maior frequência, registrando 54% das ocorrências, ainda que a diferença em relação às outras faixas etárias não seja tão expressiva; ii) entre os municípios em que predomina a realização alveopalatal, Itacoatiara se destaca por apresentar uma distribuição desigual entre as faixas etárias – os mais jovens utilizam exclusivamente a variante alveopalatal (100%), enquanto os das faixas etárias intermediária e mais velhos apresentam índices de 67% e 50%, respectivamente; iii) quanto ao sexo, embora a diferença seja sutil, nota-se uma preferência ligeiramente maior das mulheres pela variante alveopalatal (54%) em comparação aos homens (46%).

As primeiras iniciativas com o intuito de investigar a hipótese de Cruz (2004) vêm de duas pesquisas de iniciação científica que utilizam os dados de elocução livre coletados mas não considerados no ALAM: Martins (2007), que investigou as localidades de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant, e Quara (2007), investigando as localidades de Eirunepé, Lábrea e Humaitá.

Os dados de /S/ levantados por Martins (2007), confirmam parcialmente a hipótese de Cruz (2004). Em contexto final, nos municípios de Parintins, Barcelos e Itacoatiara, predomina a variante alveopalatal, com percentuais de 68,8%, 65% e 53,5%, respectivamente. Já em Tefé, Benjamin Constant e Manacapuru, a realização alveolar é mais frequente, alcançando 54,3%, 53% e 35%. Em contexto medial de palavra, por sua vez, Tefé, Benjamin Constant e Manacapuru apresentam um aumento no uso da alveopalatal, especialmente o último, cuja proximidade com a microrregião do Médio Amazonas pode justificar essa influência. A pesquisadora destaca que a presença da consoante [t] após o /S/ parece favorecer a palatalização, embora essa variável não tenha sido testada estatisticamente.

De forma complementar, a pesquisa de Quara (2007) também confirma a hipótese de Cruz (2004), ao constatar a predominância da variante alveolar nos municípios de Lábrea, Eirunepé e Humaitá, em fala espontânea.

Nos quadros de 1 a 5, a seguir, sintetizamos esses estudos e principais resultados, considerando as variantes observadas e seus percentuais de frequência, bem como a influência de fatores condicionadores na caracterização do fonema (quando realizado pelo estudo), por microrregião (a esse respeito cf. também Maia, Martins e Cruz, 2017).

Quadro 1. Pesquisas sobre o /S/ em coda silábica realizadas no Alto Rio Negro

Microrregião do Alto Rio Negro (Ponto 1)	
	ALFARiN (Justiniano, 2012)
Localidades investigadas	Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira.
Perfil dos informantes	Segue o mesmo perfil dos informantes do ALAM.
Resultado Geral	Variante alveopalatal - 94,74% (no município de Santa Isabel do Rio Negro o uso é categórico); Alveolar – 5,26 % (apenas em São Gabriel da Cachoeira).
Sexo/Faixa etária	A variante alveolar está sendo implementada apenas pelos homens mais jovens (mais da primeira faixa etária do que da segunda), não aparecendo entre as mulheres e na terceira faixa etária.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 2. Pesquisas sobre o /S/ em coda silábica realizadas no Alto Solimões

Microrregião do Alto Solimões (Ponto 3)			
	Maia (2016)	Melo (2018)	Martins e Santos (2020)
Localidade investigada	São Paulo de Olivença.	Jutaí	Tonantins
Perfil dos informantes	Foi utilizado o <i>corpus</i> da pesquisa de Martins (2013), constituído de 12 informantes por localidade, distribuídos por sexo, faixa etária (18-35, 36-55 e mais de 56 anos) e escolaridade (4-8 e 9-11 anos de escolarização).		
Resultado Geral	Alveopalatal - 67,5%; Alveolar - 25,7%; Glotal - 6,1% Apagamento - 0,7%.	Alveolar - 43,4%; Alveopalatal- 41,4%; Glotal - 10,8%; Apagamento - 4,6%.	Alveopalatal - 66,3%; Alveolar - 25,7%; Glotal - 7,7%; Apagamento - 0,3%.
Contexto Seguinte	A palatalização é favorecida quando o contexto seguinte é consoante.	A alveolar é favorecida quando o contexto seguinte é vogal.	A palatalização é favorecida pelas oclusivas [t] (principalmente), [g], [p], [d] [k] e [b], pelas africadas [dʒ] e [tʃ], pelas fricativas [f] e [v], pela nasal [ŋ] e pela pausa.
Posição	A palatalização é favorecida quando o /S/ se encontra em final da palavra.	-	-
Tonicidade	A palatalização é favorecida quando a sílaba é pretônica.	-	-
Ocupação	A palatalização é favorecida pelo fator cotação baixa, como donas de casa e aposentados.	-	A palatalização é mais favorecida pelo fator ocupação média (autônomos/comércio), seguido do fator ocupação baixa (agricultor, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador).
Localismo	A palatalização é favorecida pelos habitantes bem integrados, ou seja, aqueles que possuem um sentimento de pertencimento ao município.	-	-
Mobilidade	-	-	A palatalização é mais favorecida por informantes de pouca mobilidade.
Sexo	A palatalização é favorecida pelos homens.	A alveolar é favorecida quando os informantes são homens.	A palatalização é mais favorecida pelas mulheres.
Faixa etária	-	A alveolar é favorecida quando os informantes são mais velhos.	A palatalização é mais favorecida principalmente pela faixa etária intermediária (36-55), seguida da primeira faixa etária (18-35 anos).
Escolaridade	-	A alveolar é favorecida entre os informantes menos escolarizados.	-

Fonte: Autoria própria.

Quadro 3. Pesquisas sobre o /S/ em coda silábica realizadas no Sul Amazonense (Purus e Madeira)

Mesorregião do Sul Amazonense (Pontos 5 e 6)		
	Microrregião do Purus (Maia, 2012)	Microrregiões do Purus e Madeira (Maia, 2018a)
Localidades investigadas	Boca do Acre, Lábrea e Tapauá	Purus: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá; Madeira: Humaitá, Manicoré, Borba.
Perfil dos informantes	Segue o mesmo perfil dos informantes do ALAM.	48 informantes, sendo oito informantes por localidade, distribuídos com base em sexo, faixa etária (20 a 35 e 50 a 65 anos) e escolaridade (4 a 7 e 10 a 13 anos).
Resultado Geral	Variante alveolar – 57,98%; Alveopalatal – 20,32%; Glotal – 12,74%; Apagamento – 8,96%.	Variante alveolar – 46%; Alveopalatal – 42%; Glotal – 9%; Apagamento – 3%.
Contexto Seguinte	A palatalização é mais frequente quando o /S/ antecede a oclusiva [t] (principalmente) e a africada [tʃ]; o enfraquecimento (variante glotal) quando antecede a lateral [l], a africada [tʃ] e a nasal [m]; o apagamento quando o /S/ é morfema de plural; a realização alveolar ocorre com mais frequência nos demais contextos.	Quanto à palatalização do /S/, a oclusiva alveolar [t] e a africada [tʃ] apresentam-se como favorecedoras; já o enfraquecimento recebe influência dos contextos subsequentes laterais, africadas, oclusiva alveolar sonora /d/ e nasal.
Localidade	-	Manicoré e Borba se mostram favorecedoras tanto da palatalização quanto do enfraquecimento do /S/.
Contexto precedente	-	A palatalização do /S/ é favorecida quando o /S/ sucede vogais médias (baixas e altas).
Posição	-	A posição medial no vocábulo favorece a palatalização do /S/ em coda silábica
Tonicidade	-	O enfraquecimento da presença do fonema /S/ em sílaba átona.
Sexo	A variante alveolar é mais frequente entre as mulheres, ao passo que a alveopalatal entre os homens, embora as diferenças percentuais não sejam muito evidentes.	A palatalização do /S/ é favorecida pelas mulheres.
Faixa etária	A variante alveolar é mais frequente entre os informantes da primeira faixa etária, ao passo que a alveopalatal entre os da terceira, embora as diferenças percentuais não sejam muito evidentes.	-
Escolaridade	-	A palatalização do /S/ é favorecida pelos informantes mais escolarizados; o enfraquecimento pelos informantes menos escolarizados.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 4. Pesquisas sobre o /S/ em coda silábica realizadas no Rio Negro-Solimões

Microrregião do Rio Negro-Solimões (Ponto 7)	
	Martins e Margotti (2012)
Localidade investigada	Manaus
Perfil dos informantes	Utiliza o <i>corpus</i> do ALiB.
Resultado Geral	Em <i>posição medial</i> de palavra, a distribuição da alveolar e da alveopalatal é bem equilibrada (50,1% e 47%, respectivamente). Na <i>posição final</i> de palavra a alveolar foi utilizada com uma maior frequência em relação à alveopalatal (67,1% e 32,8%, respectivamente). Também se registra a variante glotal com índices menores (2,8%), apenas em <i>posição medial</i> .
Contexto subsequente	Em <i>posição final</i> , a variante alveolar mostrou-se produtiva quando era seguida de vogal (casos de ressilabação). Por sua vez, em <i>posição medial</i> de palavra, a palatalização mostrou-se mais produtiva quando o /S/ era seguido das consoantes [t] e [k].
Sexo	A palatalização é mais frequentemente utilizada pelas mulheres, tanto em <i>posição medial</i> quanto <i>final</i> de palavra.
Faixa etária	A palatalização é mais frequentemente utilizada pelos mais jovens, tanto em <i>posição medial</i> quanto <i>final</i> de palavra.
Escolaridade	A palatalização é mais frequentemente utilizada pelos mais escolarizados, tanto em <i>posição medial</i> quanto <i>final</i> de palavra.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 5. Pesquisas sobre o /S/ em coda silábica realizadas no Baixo Amazonas

Microrregião do Baixo Amazonas (Ponto 9)	
	AFBAM (Brito, 2011)
Localidades investigadas	Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará.
Perfil dos informantes	Segue o mesmo perfil dos informantes do ALAM.
Resultado Geral	Variante alveopalatal – 100% (uso categórico)

Fonte: Autoria própria

Podemos observar, nos Quadros de 1 a 5, que as pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas sobre o /S/ em coda silábica no Amazonas têm sido produtivas nas duas últimas décadas e que seis dos nove pontos de inquérito do ALAM já foram de alguma forma ampliados: Alto Rio Negro, Alto Solimões, Purus, Madeira, Rio Negro-Solimões e Baixo Amazonas. Não foram localizadas pesquisas no Juruá-Solimões-Jutaí, Juruá e Médio Amazonas, além das pesquisas realizadas com os dados

do ALAM, o que indica que ainda há muito trabalho a se fazer para que se tenha uma visão mais clara sobre as realizações fonéticas do /S/ em coda silábica no Amazonas.

Ainda assim, com o que temos podemos tecer algumas considerações, principalmente a respeito da hipótese de isófono proposta por Cruz (2004):

- (i) As pesquisas realizadas nas microrregiões do Alto Rio Negro, Purus, Rio Negro-Solimões e Baixo Amazonas confirmam a hipótese de Cruz (2004);
- (ii) As pesquisas realizadas nas microrregiões do Alto Solimões mostram que não é possível confirmar a hipótese de Cruz (2004) nessa microrregião. Maia (2016) registra no município de São Paulo de Olivença (por meio de dados coletados em elocução livre) a predominância da pronúncia alveopalatal (palatalização), assim como Martins e Santos (2020) em Tonantins;
- (iii) Maia (2018a), mesmo confirmando a pronúncia alveolar observada por Cruz (2004) na mesorregião do Sul Amazonense como um todo, destaca que a microrregião do Madeira apresenta divergências quanto ao registro alveolar e palatal entre seus municípios. Na seção seguinte analisaremos com mais profundidade esses dados;
- (iv) Sobre as variáveis linguísticas destaca-se o contexto subsequente na maioria das pesquisas analisadas, nas quais os resultados costumam mostrar que a palatalização é principalmente favorecida quando o /S/ antecede consoante oclusiva alveolar [t] e africada [tʃ], além de alguns outros sons consonantais (em algumas pesquisas), o que também já fora observado em outras pesquisas sobre o português brasileiro;
- (v) As variáveis extralinguísticas apresentam comportamentos diferenciados a depender da região investigada, no entanto quando um ou outro fator apresenta-se como favorecedor de um fenômeno, os pesos relativos estão próximos ao ponto neutro, ou seja, as diferenças não costumam ser muito evidentes.

Nas seções seguintes, apresentamos a metodologia utilizada neste artigo, a partir da qual tratamos os dados do ALSAM, sobre a microrregião do Madeira, a fim de contribuir com a discussão aqui apresentada.

Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM e a microrregião do Madeira

A fim de testar nossas hipóteses e alcançar nossos objetivos, nossa análise será um recorte da pesquisa de Maia (2018a) para a elaboração do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*. Este atlas resulta de uma investigação sobre aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais do português falado em seis municípios

da mesorregião Sul Amazonense: Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba (cf, Figura 2). A pesquisa foi conduzida sob a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, contemplando as dimensões diatópica, diastrática, diassexual e diageracional.

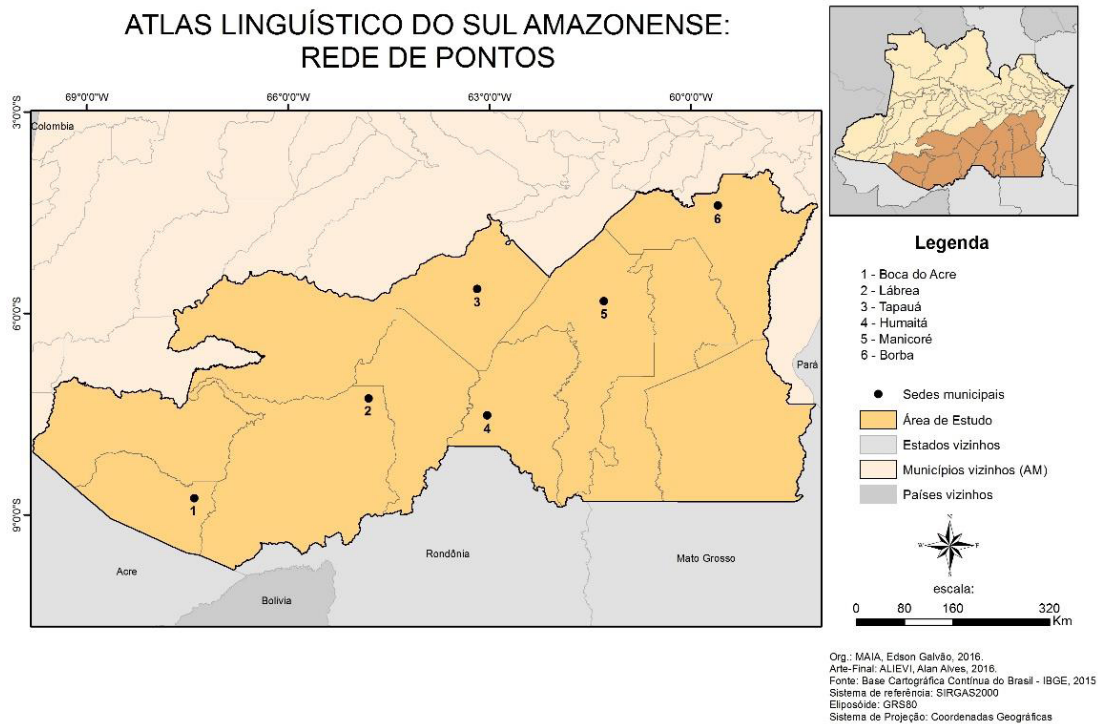


Figura 2. Rede de Pontos do ALSAM

Fonte: ALSAM (Maia, 2018a).

Foram entrevistados 48 informantes, selecionados com base em sexo, faixa etária (20 a 35 e 50 a 65 anos) e escolaridade (4 a 7 e 10 a 13 anos de estudo). A coleta de dados foi feita por meio de dois questionários: um semântico-lexical (QSL) e outro fonético-fonológico (QFF). O material gerado originou 435 cartas linguísticas impressas, sendo 285 de cunho lexical e 150 de natureza fonética.

Entre os traços fonéticos mais relevantes da região destacam-se: (i) o fechamento das vogais médias pretônicas; (ii) a realização alveolar do /S/ em coda; (iii) a variação entre apagamento e manutenção do /R/ em posição final; (iv) a realização alveolar da lateral antes da vogal [i]; (v) a semivocalização e o apagamento da nasal palatal, entre outras características. No campo lexical, as cartas refletem a variação nas áreas do Meio Físico, Biótico e Antrópico, evidenciando a influência de fatores históricos, geográficos, culturais e socioeconômicos da região. Além disso, a análise pluridimensional das formas lexicais resultou em 172 cartas que consideram variáveis sociais.

No que diz respeito à palatalização do /S/ em coda, os dados indicam que esse fenômeno é favorecido por contextos em que o som seguinte é a oclusiva alveolar

[t] ou a africada [tʃ], bem como por fatores como as localidades de Manicoré e Borba, maior nível de escolaridade, sexo feminino e posição medial na palavra. Já o enfraquecimento do /S/ (variante glotal) recebe influência dos contextos subsequentes laterais, africadas, oclusiva alveolar sonora /d/ e nasal, além das localidades de Manicoré e Borba, da menor escolaridade e da presença do fonema /S/ em sílaba átona.

Nosso recorte abrange os dados referentes aos três municípios da microrregião do Madeira: Humaitá, Manicoré e Borba. Essa microrregião contém outros dois municípios que, por critérios geográficos, históricos e socioeconômicos, não foram selecionados para a pesquisa do ALSAM: Novo Aripuanã e Apuí.

Metodologia

Para analisar os dados apresentados neste artigo, utilizamos o pacote estatístico *Goldvarb X*, para o qual transcrevemos foneticamente e codificamos as respostas a 46 questões (28 do QFF e 18 do QSL) do ALSAM (Maia, 2018a).

Considerando a estratificação dos informantes do atlas (descrita na seção anterior) e as pesquisas sobre o /S/ em coda silábica, descritas nas seções anteriores, selecionamos oito variáveis a serem investigadas, segundo podemos conferir no Quadro 6.

Quadro 6. Variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	FATORES	EXEMPLOS
Contexto subsequente	Oclusiva alveolar surda [t]	castanheira
	Oclusivas e fricativas sonoras [b, d, h, g]	desbotada, desdentado, desrespeito, vesgo
	Oclusivas e fricativas surdas [p, f, k]	espiga, esfriar, biscoito
	Africada [tʃ]	castigo, poste
	Laterais [l, ʎ]	desligo
	Nasal [m]	esmalte
	Pausa	luz
Contexto precedente	Vogal baixa [a]	madrasta
	Vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ]	r[ɛ]sguardo, fósforo
	Vogais médias altas [e] e [o]	pescoço, mosquito
	Vogais (e semivogal) altas [i, j] e [u]	[i]stragada, reais, luz
Posição no vocábulo	Medial	desmaio
	Final	paz
Tonicidade da sílaba	Em sílaba tônica	arroz
	Em sílaba átona	desfilar
VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	FATORES	
Localidade	Humaitá, Manicoré e Borba	
Sexo	Masculino e feminino	
Idade	20 a 35 anos e 50 a 65 anos	
Escolaridade	4 a 7 anos de escolaridade e 10 a 13 anos de escolaridade	

Fonte: Autoria própria.

Observamos no Quadro 6, que para considerar o *contexto subsequente*, optamos por amalgamar sons consonantais considerando sua classe natural, sem desconsiderar a sonoridade, uma vez que esse traço tem se mostrado relevante para as pesquisas sobre o fenômeno (Maia, 2012 e 2018a). A exceção é a oclusiva alveolar surda [t], a qual não juntamos às oclusivas e fricativas surdas, já que apresentou comportamento muito diferente em relação às demais, favorecendo a palatalização, como destacamos na seção seguinte.

A regra de aplicação selecionada para rodar o peso relativo foi a variante alveopalatal (palatalização). Após ser realizada a primeira rodada, identificamos envieiamentos na variável *contexto precedente*, o que nos levou a amalgamar os fatores vogais médias altas e vogais médias baixas, mantendo, assim, três fatores nessa variável: vogal baixa, vogais médias e vogais (e semivogal) altas.

Os resultados são apresentados a seguir.

/S/ em coda silábica na microrregião do Madeira

De modo geral, foi possível identificar, nas 1000 ocorrências registradas, as quatro realizações fonéticas do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, conforme destacamos no Gráfico 1.



Gráfico 1. Frequência das variantes do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira
Fonte: Autoria própria.

O gráfico 1 nos mostra que a variante mais frequente nos nossos dados é a alveopalatal (56%), seguida da alveolar (30%). As variantes glotal e zero fonético (apagamento) são menos frequentes, representando 10% e 4% dos dados, respectivamente. Nesse sentido, não conseguimos confirmar a hipótese de Cruz (2004), segundo a qual nessa microrregião prevaleceria a forma alveolar. A análise estatística que apresentamos a seguir mostra que confirmamos essa pronúncia apenas na localidade de Humaitá, município escolhido por Cruz (2004) para representar o Madeira. Discutiremos esse resultado nos parágrafos seguintes, quando apresentarmos a análise da variável *localidade*.

Quanto à análise estatística, consideramos como aplicação da regra a variante alveopalatal (palatalização). O *Goldvarb X* selecionou as seguintes variáveis, em ordem de relevância: *contexto subsequente*, *localidade*, *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*, as quais passamos a apresentar, nas Tabelas de 1 a 5, a seguir.

Tabela 1. Frequência e probabilidade da palatalização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, segundo a variável *contexto subsequente*

CONTEXTO SUBSEQUENTE	Aplicação/Total	%	P. R.
<i>Oclusiva alveolar surda [t]</i>	191/197	97	0.971
<i>Africada [tʃ]</i>	51/88	58	0.448
<i>Oclusivas e fricativas surdas [p, f, k]</i>	129/237	54,4	0.407
<i>Pausa</i>	97/184	52,7	0.372
<i>Nasal [m]</i>	32/94	34	0.188
<i>Oclusivas e fricativas sonoras [b, d, g, h]</i>	49/157	31,2	0.168
<i>Laterais [l, λ]</i>	9/43	20,9	0.094
<i>Input 0.642</i>			
<i>Log likelihood -461.834</i>			
<i>Significance 0.025</i>			

Fonte: Autoria própria.

A Tabela 1 revela que, a exemplo de Maia (2012 e 2018a), Martins e Magotti (2012) e Martins e Santos (2020), além de outras pesquisas sobre o português brasileiro, a oclusiva alveolar surda [t] em contexto subsequente ao /S/ em coda silábica favorece a aplicação da regra de palatalização, com peso relativo de 0.971, ao passo que as demais consoantes a desfavorecem.

Maia (2012) recorre à teoria da sílaba, especialmente ao princípio da sonoridade, para explicar a palatalização do /S/ nesse contexto. Segundo a escala de sonoridade de Jespersen (1904 *apud* Hooper, 1976), o [t], por ser uma consoante oclusiva surda, ocupa um nível baixo de sonoridade, o que favorece a ocorrência da variante alveopalatal do /S/, mais marcada foneticamente, seguindo o padrão silábico de aclave e declive. Embora outros sons surdos como /p/, /k/ e /f/ compartilhem essa baixa sonoridade, a palatalização não ocorre com eles. Dessa forma, segundo o autor, o diferencial do [t] está no traço [+coronal], que compartilha com o /S/, colocando-os na mesma classe natural. Essa semelhança articulatória, somada à estrutura silábica, pode explicar a palatalização, embora a hipótese ainda exija mais estudos.

Tabela 2. Frequência e probabilidade da palatalização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, segundo a variável *localidade*

LOCALIDADE	Aplicação/Total	%	P. R.
<i>Manicoré</i>	237/335	70.7	0.718
<i>Borba</i>	209/328	63.7	0.614
<i>Humaitá</i>	112/337	33.2	0.201

Input 0.642
Log likelihood -461.834
Significance 0.025

Fonte: A autoria própria.

Na tabela 2, notamos que, conforme mencionamos anteriormente, há uma diferença diatópica entre as localidades de Manicoré e Borba e a localidade de Humaitá, de modo que as duas primeiras favorecem a aplicação da regra (peso relativo de 0.718 e 0.614, respectivamente), enquanto a última a desfavorece (0.201).

Trata-se de um resultado curioso considerando os resultados do ALAM (Cruz, 2004). Acontece que nesse atlas a localidade escolhida como representativa na microrregião foi justamente Humaitá, porém, em relação ao /S/ em coda silábica, aparentemente Humaitá é uma exceção na microrregião. Acreditamos que as configurações históricas e geográficas explicam essa exceção. Humaitá, sendo o ponto mais distante no curso do rio, teve seu povoamento acelerado a partir do século XIX, época áurea do ciclo da borracha no estado, ao passo que as outras duas têm seu povoamento principal ainda entre os séculos XVII e XVIII, quando os portugueses intensificaram sua ocupação na região, deixando como herança essa pronúncia palatalizada do /S/, o famoso chiado. Da mesma forma, atualmente Humaitá, estando na fronteira do Amazonas com Rondônia, possui ligação rodoviária com a capital rondoniense através da BR 319, além de manter ligação também com Lábrea, na microrregião vizinha, por meio da BR 230. Essas ligações ditam os hábitos (e por que não a língua) de seus habitantes, os aproximando muito mais da microrregião do Purus e do estado de Rondônia do que das demais localidades de sua microrregião. Essas, por sua vez, mantêm ligação muito mais estreita com a capital amazônica, onde a variante alveopalatal parece deter certo *status* de prestígio (Martins e Margotti, 2012).

Tabela 3. Frequência e probabilidade da palatalização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, segundo a variável *escolaridade*

ESCOLARIDADE	Aplicação/Total	%	P. R.
<i>10 a 13 anos</i>	309/500	61,8	0.591
<i>4 a 7 anos</i>	249/500	49,8	0.409

Input 0.644
Log likelihood -457.823
Significance 0.047

Fonte: Autoria própria.

A tabela 3 destaca o favorecimento da variante alveopalatal entre os falantes mais escolarizados (peso relativo de 0.591), enquanto os menos escolarizados desfavorecem essa variante (peso relativo de 0.409), revelando a relevância da variável escolaridade para a caracterização do fonema em estudo.

Esse resultado pode indicar que a palatalização talvez tenha adquirido status de prestígio na comunidade, hipótese reforçada pelos resultados da variável *sexo*, conforme mostramos a seguir.

Tabela 4. Frequência e probabilidade da palatalização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira, segundo a variável *sexo*

SEXO	Aplicação/Total	%	P. R.
<i>Feminino</i>	309/506	61,1	0.585
<i>Masculino</i>	249/494	50,4	0.413

Input 0.644
Log likelihood -457.823
Significance 0.047

Fonte: Autoria própria.

Na tabela 4, observamos que as mulheres favorecem a aplicação da regra, com peso relativo de 0.585. Por sua vez, os homens desfavorecem a palatalização do /S/ (0.413), ainda que os pesos relativos se aproximem do ponto neutro. Para Labov (2018 [1972]), as mulheres da cultura ocidental tendem a preferir as variantes de prestígio, liderando a mudança linguística, o que reforça a hipótese de que a variante alveopalatal possa ser prestigiada na microrregião.

Tabela 5. Frequência e probabilidade da palatalização do /S/ em coda silábica na microrregião Madeira, segundo a variável *faixa etária*

FAIXA ETÁRIA	Aplicação/Total	%	P. R.
20 a 35 anos	294/497	59,2	0.546
50 a 65 anos	264/503	52,5	0.455

Input 0.644
Log likelihood -457.823
Significance 0.047

Fonte: Autoria própria.

A tabela 5 registra os resultados para a variável *faixa etária*. É possível observar que os falantes mais jovens favorecem a palatalização do /S/ em coda silábica, com peso relativo de 0.546, enquanto os mais velhos a desfavorecem (0.455), apesar de que os pesos relativos estejam próximos ao ponto neutro. Acreditamos que esse resultado também reforça o *status* de prestígio que a variante alveopalatal pode ter na comunidade de fala, assim como indica que essa variante pode aumentar seus índices de frequência na região ao longo das gerações.

Considerações Finais

A partir da análise dos dados do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)* (Maia, 2018a), foi possível descrever a variação fonética do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira. Em consonância com as pesquisas anteriores sobre o Português Brasileiro, constatamos a ocorrência das quatro variantes do fonema: alveopalatal, alveolar, glotal e zero fonético, sendo a primeira a mais frequente.

Dessa forma, os resultados não confirmam a hipótese de Cruz (2004) quanto ao predomínio da variante alveolar na microrregião. Verificamos que essa variante é majoritária apenas em Humaitá, localidade escolhida por Cruz (2004) como representativa do Madeira. Já as localidades de Borba e Manicoré demonstraram ampla predominância da variante alveopalatal. Considerando as pesquisas realizadas no Amazonas até o momento, acreditamos que a isófono realmente exista no estado, porém seus limites não são exatamente como a pesquisadora visualizou no ALAM, muito pelas limitações do estudo realizado à época. Ora, tratava-se de uma pesquisa pioneira, realizada por uma única pesquisadora, com prazo limitado (por se tratar de uma tese de doutoramento), no maior estado do nosso país que, por sua vez, ainda possui muitos problemas de infraestrutura e deslocamento e localidades quase isoladas, o que permitiu que o atlas tivesse apenas um município representando cada microrregião. Nesse sentido, reforçamos o papel do ALAM em impulsionar a investigação dialetológica no Amazonas, bem como em direcionar outras pesquisas

que ampliem seus pontos de inquérito nas microrregiões, trabalho esse que já vem sendo realizado a partir da elaboração de outros atlas de pequeno domínio e de pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas sobre fenômenos específicos.

A análise estatística evidenciou o papel determinante da variável linguística *contexto subsequente*, com destaque para a oclusiva alveolar surda [t], que se mostrou altamente favorecedora da palatalização, conforme já apontado por Maia (2012 e 2018a), Martins e Magotti (2012) e Martins e Santos (2020), assim como por outros pesquisadores de outras regiões. Todas as variáveis extralinguísticas analisadas – *localidade, escolaridade, sexo e faixa etária* – se mostraram relevantes. Os dados sugerem que a variante alveopalatal pode deter certo prestígio nas comunidades analisadas, por ser favorecida por falantes mais jovens, mulheres e indivíduos com maior escolarização.

Assim, os resultados aqui apresentados contribuem para o refinamento da hipótese de isófona no Amazonas e ampliam o debate sobre a variação linguística no português brasileiro, especialmente na região amazônica. Ainda que as análises apontem tendências claras, reforçamos a necessidade de novos estudos que envolvam outras localidades e que aprofundem o papel das variáveis linguísticas e extralinguísticas na configuração do fenômeno.

Referências

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, v. 51, p. 271–307, 1937.

ALENCAR, M. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r/*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ARAGÃO, M. do S. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. da S. (orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 187–200.

ARAGÃO, M. do S.; SOARES, M. E. *Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil*. Manuscrito inédito, 1996.

BASSI, A. A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano: perspectiva fonológica-variacionista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1.; COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2011. s/p.

BASSI, A. *A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não morfológica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis*.

1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

BRESCANCINI, C. R. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BRESCANCINI, C. R. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 299–310, 2003. Número especial.

BRITO, R. de M. *Atlas dos falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

CALLOU, D. M. I.; LEITE, Y.; MORAES, J. A. Para uma nova dialectologia: a realização do S e do R pós-vocálicos no português do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, 1., 1994, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Colibri, 1996. v. 3, p. 405–413.

CALLOU, D. M. I.; MARQUES, M. H. D. O. O -s implorivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 9–137, 1975.

CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. (org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.

CANOVAS, M. I. F. Variação fônica de /s/ pós-vocálico e de /s, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador. In: CARDOSO, S. (org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1991.

CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

CARVALHO, R. S. de. *Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

CRUZ, M. L. de C. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FURLAN, O. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. (orgs.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 165–186.

HAUPT, C. Sibilantes coronais – o processo de ditongação e palatalização em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na Fonologia de Geometria de Traços. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

HOOPER, J. B. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HORA, D. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 69–89.

- JESUS, C. dos S. de; MOTA, J. A. A variação fonética no português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /s/ em coda silábica, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- JESUS, C. dos S. de; MOTA, J. A. Conservadorismo e mudança: o /s/ em coda silábica no Nordeste, a partir dos inquéritos do Projeto ALiB. Comunicação apresentada no XV Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, Montevideú, 2007.
- JUSTINIANO, J. *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Amazonas – ALFARiN*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno; M. M. Scherre; C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MAIA, E. G. A realização fonética do /s/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.
- MAIA, E. G. *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*. 2018a. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- MAIA, E. G. Enfraquecimento do /s/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas. *Estudos de Linguística Galega*, Santiago de Compostela, v. esp. 1, p. 219–236, 2018b.
- MAIA, E. G.; MARTINS, F. S.; CRUZ-CARDOSO, M. L. de C. Reflexões sobre a variação do /s/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófona. *Web Revista SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 20, n. 7, p. 479–502, nov. 2017 – fev. 2018.
- MAIA, R. B. *Variação do /s/ em coda silábica no falar dos moradores de São Paulo de Olivença (Amazonas)*. Relatório Técnico Científico – UFAM, Programa PIBIC, Benjamin Constant, 2015–2016.
- MARTINS, A. F. C. A pronúncia do fonema /s/ e suas variações no português do município de Bragança. Relatório Técnico Científico – UFAM, Programa PIBIC, 2000–2001.
- MARTINS, F. S. A pronúncia do –s pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant. Relatório Técnico Científico – UFAM, Programa PIBIC, 2006–2007.
- MARTINS, F. S. *Variação na concordância nominal de número da fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- MARTINS, F. S.; MARGOTTI, F. Comportamento fonético-fonológico do /s/ pós-vocálico em Manaus. *Investigações*, v. 25, n. 2, jul. 2012.
- MARTINS, F. S.; SANTOS, V. L. de S. A variação do /s/ em coda silábica no falar dos moradores da cidade de Tonantins, no Amazonas. *Letras Escreve*, v. 10, n. 1, 1º sem., 2020.
- MELO, K. B. *Variação do /s/ em coda silábica no falar dos habitantes do município de Jutai (Amazonas)*. Relatório Técnico Científico – UFAM, Programa PIBIC, 2018.

- MONTEIRO, R. C. N. *A produção palato-alveolar de /s/ nas vozes do Amapá*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- MOTA, J. A.; JESUS, C. dos S. de. O /s/ em coda silábica. In: MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (orgs.). *Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1* [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2023.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contexto*. São Paulo: Globo, 2005.
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Trad. M. E. Viaro. São Paulo: Globo, 2008.
- PEDROSA, J. L. R. *Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?* 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- QUARA, H. *Comportamento fonético-fonológico do -s pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas*. Relatório Técnico Científico – UFAM, Programa PIBIC, 2006–2007.
- RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. *Linguaje*, Cali, v. 32, p. 313-330, 2010.
- RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. de; ARAGÃO, M. do S. S. de. Enfraquecimento de fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. *Revista Trama*, n. 18, p. 53–64, 2013.
- RONCARATI, C. N. *Variação fonológica e morfossintática na fala cearense*. Comunicação apresentada na UFF. Manuscrito inédito, 1999.
- SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. *ABRALIN*, n. 11, jun. 1991.
- SILVA NETO, S. da. *Introdução aos estudos da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986 [1950].
- SILVA NETO, S. da. *A língua portuguesa no Brasil*. Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa, v. 25. Lisboa: Editorial Império, 1960.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. C. Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1982].

Declaração de disponibilidade de acesso a dados

Não se aplica

Ilustrações para download:

Não se aplica

Contribuições dos Autores / ou Declaração de Autoria

Declaro autoria do artigo A Realização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira Amazonas, bem como que não há contribuições de outros pesquisadores ou estudantes neste texto.

Conflito de interesse

Declaro a inexistência de conflito de interesse relacionado ao artigo A Realização do /S/ em coda silábica na microrregião do Madeira Amazonas, de minha autoria.

Financiamento

Durante a realização da pesquisa de doutorado que gerou este artigo, recebi bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas - FAPEAM, por meio do Edital N.º 003/2014 – RH-Interiorização.